



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

TALIA FERREIRA DA SILVA

**ENTRE CURVAS E RETIDÃO: O SIMBOLISMO DO CABELO LISO
EM MULHERES BRANCAS**

REDENÇÃO-CE

2023

TALIA FERREIRA DA SILVA

**ENTRE CURVAS E RETIDÃO: O SIMBOLISMO DO CABELO LISO
EM MULHERES BRANCAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro – Brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção de grau do Bacharelado em Antropologia, sob orientação da professora **Dr^a. Denise Ferreira da Costa Cruz.**

REDENÇÃO-CE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Talia Ferreira da.

S578e

Entre curvas e retidão: O simbolismo do cabelo liso em mulheres brancas / Talia Ferreira da Silva. - Redenção, 2023.
25f: il.

Monografia - Curso de Antropologia, Instituto De Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz.

1. Branquitude. 2. Cabelo. 3. Mulher branca. I. Título

CE/UF/Dsibiuni

CDD 378.198299

TALIA FERREIRA DA SILVA

**ENTRE CURVAS E RETIDÃO: O SIMBOLISMO DO CABELO LISO EM
MULHERES BRANCAS**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título Bacharel em Antropologia, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, UNILAB – Campus dos Palmares.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Denise Ferreira da Costa Cruz. (Orientadora)

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira -
UNILAB*

Prof.^o Dr.^o Patrício Carneiro Araújo.

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira –
UNILAB*

Prof.^a Dr.^a Natalia Cabanillas

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira -
UNILAB*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus pela força dada, pela minha família, parentes e amigos que vieram me dando força durante esses cinco na academia, e pelas oportunidades em toda a minha trajetória acadêmica.

Quero agradecer em especial, aos meus pais Maria Cleide e Jó Andrade que vêm me dando toda a ajuda que precisei para estar aqui hoje escrevendo este trabalho, apesar das dificuldades, sempre apoiaram os meus estudos em toda o meu percurso nesta Universidade.

As minhas tias e prima Francielly, Francimar Ferreira e Maria José que vibram comigo e apoiam desde sempre este meu caminho acadêmico e me incentivam em ir mais longe.

Agradeço também aos meus amigos da UNIAB, Fabio Paulino, Barbara, Mulba Joãozinho, Natielly, Andresa Araújo e Fátima Sousa que mesmo do outro lado do oceano está em contato constante comigo, todos os dias, vocês foram fundamentais para a realização deste trabalho, obrigada pelo o apoio, são momentos e amizades que quero levar para a vida. Gratidão!

Quero fazer um agradecimento especial à minha orientadora e amiga Denise da Costa, por trilhar todo este caminho comigo durante as minhas duas graduações. Obrigada pelo incentivo e acolhimento e pelos ensinamentos fundamentais que levarei na academia e na vida, você é um exemplo de mulher e profissional para mim.

E por último quero dar o meu agradecimento a todas as mulheres que ajudaram nesse trabalho, vocês são força e luta!

Resumo

A presente pesquisa tem como foco principal analisar o simbolismo do cabelo liso para as mulheres brancas, trazendo como pano de fundo a branquitude e como ela influencia a vida e nos cabelos destas mulheres. O mundo dos cabelos vai muito além de apenas estética e beleza, pois podem simbolizar acesso privilegiado ao mundo do trabalho, para citar um exemplo. Assim, é necessário compreender a dimensão do cabelo nas vidas dos indivíduos, visto que nos corpos negros o cabelo é sinônimo de renúncia e aflições. Foram entrevistadas mulheres residentes em Redenção e Portugal, para a obtenção de dados, enriquecida com pesquisa bibliográfica de autores que trabalham ou se aproximam do tema. Embora nosso material bruto da pesquisa tenha recorrido a várias metodologias e várias entrevistadas, iremos trabalhar apenas com a trajetória de uma interlocutora. Contudo, o restante do material recolhido nos oferece uma visão mais ampla do fenômeno estudado.

Palavras – chaves: Branquitude, Cabelo, Estética, Mulher branca.

ABSTRACT

The main focus of this research is to analyze the symbolism of hair for white women, using whiteness as a backdrop and how it influences the lives and hair of these women. The world of hair goes far beyond just aesthetics and beauty, as it can symbolize privileged access to the world of work, to cite one example. Therefore, it is necessary to understand the dimension of hair in the lives of individuals, since in black bodies, hair is synonymous with renunciation and afflictions. Women residents of Redenção and Portugal were interviewed to obtain data, enriched with bibliographic research by authors who work on or are close to the topic. Although our raw research material used several methodologies and several interviewees, we will only work with the trajectory of one interlocutor. However, the rest of the material collected offers us a broader view of the phenomenon studied.

Keywords: Hair, Whiteness, White woman, aesthetics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
1. TONS DE DOURADOS: A ARTE DE FAZER O CABELO LOIRO	7
2. PAZ NO ESPELHO: A TRANQUILIDADE EM SE TER A PRÓPRIA ESTÉTICA	13
3. ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM COM O CABELO MAIS BONITO QUE O MEU?	18
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
5. REFERÊNCIAS	24
APÊNDICES	26
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	26
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO	27

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de encontros que tive com mulheres brancas. A pesquisa começou em 2020, em plena pandemia de COVID-19¹, quando estava elaborando o meu projeto de pesquisa para obtenção de título de Bacharela em Humanidades (BHU-UNILAB). Ao me aproximar da professora Denise da Costa, através das suas aulas, pedi que ela me orientasse no TCC e queria abordar o tema do racismo na escola. Ela topou a orientação e perguntou se eu não gostaria de pesquisar cabelos. Comecei então a mergulhar no tema dos cabelos crespos quando a minha orientadora questionou: “Mas você não tem cabelo liso?”, no que eu respondi: “Eu aliso os meus cabelos!”, ela: “Então o que você acha de pesquisarmos cabelos lisos?”. Topei.

As minhas primeiras leituras foram sobre cabelos crespos. Visto que existe uma grande literatura sobre o tema. Quando começamos a ler sobre cabelos lisos, nos deparamos com uma bibliografia bastante reduzida. Eu achei aquele dado curioso: como cabelos que são mais desejados (ideais) não haviam sido foco de reflexões na literatura social? Aos poucos entendi que mais uma vez pessoas brancas possuem o privilégio de não se pensarem a partir do constructo racial, mas como pessoas humanas por excelência; como a base para a humanidade. Fiz perguntas para essas mulheres que, por mais que parecessem óbvias, ainda sim descobri que a branquitude também influencia estas mulheres brancas, já que muitas das entrevistadas mesmo já tendo o cabelo liso, em algum momento da vida já alisaram o cabelo ou usava utensílios como chapinha e secador para deixar o cabelo mais liso e alinhado possível.

Realizamos então as entrevistas através do Google Meets² que foram salvas no e-mail da professora Denise e acompanhadas por ela a cada entrevista. A primeira dificuldade encontrada foi o recorte das pessoas entrevistadas. Eu procurava mulheres brancas de cabelos lisos. Como grande parte das minhas conhecidas da UNILAB eram africanas, eu recorri ao seio familiar a minhas amigas do Ensino Médio. Interessante que a professora Natália Cabanillas, ao avaliar meu projeto, disse que essa escolha foi bem interessante, pois implicava em levar as minhas reflexões para pessoas próximas que poderiam aprender com aquilo que eu vinha recolhendo. Elaborei, assim, um projeto de final de curso intitulado: “Corpo e cabelo na visão das mulheres auto declaradas brancas”. “Muita água correu” depois desse trabalho cujo título

¹ Aproximadamente a partir de dezembro de 2019, o Brasil começou a apresentar os primeiros sinais da presença do coronavírus. Vivemos até 2022 uma política governamental genocida que nos trouxe sequelas até os dias atuais.

² Aplicativo de reuniões da empresa de internet Google.

fez surgir alguns problemas, mas que busco aperfeiçoar através da monografia que aqui se apresenta.

Queremos, nessa pesquisa, pensar como esse corpo branco se constrói a partir dos cabelos. Buscamos ouvir mulheres brancas e suas relações com o cabelo, pensando na construção da corporeidade branca feminina, e os diálogos possíveis das relações raciais, mais especificamente com as discussões sobre branquitude. Por branquitude, eu utilizo o trabalho do sociólogo Loureço Cardoso que a entende “como um lugar de privilégios simbólicos para os corpos brancos, subjetivos e objetivos, materiais que colaboram para a construção social e que perpetua o racismo e o preconceito racial” (Cardoso, 2010, p.59). O cabelo liso é um símbolo da branquitude, onde tentamos nos branquear para obter alguns privilégios dentro da sociedade racista em que vivemos. Assim, ter o cabelo liso é muitas vezes considerado o primeiro passo para o branqueamento.

Este trabalho justifica-se por ser uma investigação sobre o simbolismo do cabelo liso e também sobre o universo da branquitude. Eu, sendo vista socialmente como uma mulher branca, que alisa seus cabelos, vejo este trabalho acima de tudo como uma ferramenta de autoconhecimento, assim eu quero pensar na minha corporeidade, o meu lugar no mundo a partir do meu corpo, pensar na minha família e nas mulheres que me cercam, que são mulheres brancas e também instigá-las a refletirem sobre essas questões. Porém, as minhas reflexões não são apenas “caseiras”, eu quero que minha reflexão sirva de exemplo que ajude na conscientização do lugar da branquitude e que essa reflexão seja ampliada cada vez mais, no Brasil.

Como cita hooks (2021):

E assim, a obra de Freire, em seu entendimento global das lutas de libertação, sempre enfatiza que este é o importante estágio inicial da transformação - aquele momento histórico em que começamos a pensar criticamente sobre nós mesmas e nossa identidade diante de nossas circunstâncias políticas. (HOOKS, 2021, p. 67).

hooks traz na sua obra, *Ensinando a Transgredir*, como a educação e o educador são fundamentais para o conhecimento de si mesmo. A partir deste autoconhecimento começamos a compreender os papéis que são atribuídos no meio social sobre os nossos corpos. A educação seria a prática da liberdade, e nossos trabalhos também são ferramentas de transformação.

Assim por meio das interlocutoras poderemos ver os sentimentos e emoções delas com seus cabelos e como isso influencia no meio social. No Brasil ainda que se tenha um volume considerável de obras falando sobre o cabelo crespo e afro, o mesmo não se dá com o cabelo

liso cuja literatura ainda é muito escassa. Contudo, isso irá instigar novos pesquisadores para o tema fazendo com que este ganhe mais visibilidade.

Para a metodologia, inspirada pela interseccionalidade, pelo feminismo negro e pelos estudos das relações raciais no Brasil, partimos para as narrativas de si e as narrativas daquelas que nos cercam, para pensar em formas de mobilizar e trazer consciência ao mundo. A partir das minhas observações das mulheres, com as quais eu vivo, realizamos entrevistas, leituras de artigos sobre a temática, leituras de blogs sobre cabelos e Reels nas redes sociais. O trabalho foi feito em caráter qualitativo, as entrevistas por mais que tivessem perguntas simples, e muitas vezes conversas sobre cabelo com amigas, ainda assim saíram muitas questões relevantes nas falas destas mulheres. Além disso, no momento em que eu frequentei o salão para cuidar dos meus cabelos, eu também estava refletindo sobre o tema.

O corpo desta pesquisa está dividida em dois momentos, no primeiro momento vou fazer o estudo de dados, com uma mulher, através de uma entrevista com uma estudante do curso de Enfermagem da UNILAB, e, no segundo momento, com análises de dados de estudo de campo, num salão de beleza, aqui de Redenção chamado Studio Natalia Espaço da Beleza. Considerámos ainda o material de entrevistas do TCC do BHU, que foi entrevistas feitas com outras mulheres brancas de 18 a 30 anos, em 2021, residentes em municípios próximos de Redenção, feitas exclusivamente pelo Google Meet.

Esta monografia está estruturada em três capítulos, em que o primeiro relata a vida dos cabelos loiros como um cabelo belo e desejado socialmente, discutiremos o simbolismo do cabelo loiro e liso, os estigmas por trás dele e tentaremos compreender porque é que ele é tão desejado pelas mulheres, trazendo as vivências da interlocutora e autores para conversar sobre o tema, entrando também no universo da branquitude e como ele tem influenciado a vida destas mulheres.

O segundo capítulo aborda a paz com a própria estética, onde, ao decorrer da pesquisa, percebemos que as mulheres brancas têm paz com a própria estética e que a imagem vista no espelho é socialmente agradável e aceitável, ao contrário dos corpos que não tem os mesmos traços e trazendo a branquitude, que se torna uma opressora sobre estes corpos que não têm traços caucasianos.

O capítulo três trata da busca pelo cabelo liso perfeito, o que essas mulheres fazem para atingir ao cabelo desejado, trazendo as análises de ida ao campo, num salão de beleza aqui de

Redenção, veremos tanto mulheres brancas, quanto negras que estão em busca do tão sonhado cabelo liso e “disciplinado”.

1. TONS DE DOURADOS: A ARTE DE FAZER O CABELO LOIRO

Quando pensamos num cabelo bonito e com bom aspecto, creio que vem na mente da maioria das pessoas o cabelo liso, ele é sinônimo de beleza, feminilidade e leveza, naturalmente reto, sem ondulações e pouco volume, ele passa um visual elegante, associado a padrões de beleza ocidental. Malysse (2002) cita: “a aparência ideal, no caso, o visual capilar ideal (cabelo liso, loiro, comprido e cheio), sempre corresponde à do grupo social dominante, o cabelo da elite, portador de referências sociais codificadas pela mídia” (MALYSSE, 2002, P. 73). Como fala a autora, o ideal capilar se dá a partir do cabelo liso e loiro, padrão perpassado até os dias atuais, o cabelo da elite, ou seja, dos corpos brancos, que são considerados a referência universal, seja na corporeidade ou no modo de vida entre outras áreas do social.

O cabelo constrói nossa autoestima e identidade, ele transmite para as pessoas ao nosso redor a nossa personalidade e essência, o nosso corpo e traços, que levamos, passa a primeira impressão para as pessoas ao nosso redor e consequentemente para a sociedade. Também, causa impactos sociais que podem ser positivos ou não. A questão do cabelo para o branco e negro tem percepções diferentes, a corporeidade do negro é negatizada, faz com que não tenham paz com sua própria estética, ao contrário dos corpos brancos que têm todo um comodismo com os traços que carregam.

Ao decorrer do trabalho, trarei depoimentos e diálogos com a nossa interlocutora: Mada, de 22 anos, estudante de enfermagem, natural de Pires Ferreira - CE, residente atualmente em Redenção - CE, ela é evangélica, congrega na igreja bíblica Batista, esse aspecto religioso é relevante porque o cabelo também é definido por aspectos religiosos. Ela é solteira e sem filhos.

Para a realização desta pesquisa se deu a partir de conversas, entrevistas e observações. Algumas entrevistas foram feitas online via Google Meet e, outras, nas casas das interlocutoras. Comecei esta pesquisa em 2021 em redenção - CE, a princípio tive dificuldade para realizar as entrevistas pelo fato do meu meio social e acadêmico ter mais pessoas negras e de cabelo crespo. Com isso, a participação de familiares e amigos próximos foram fundamentais para dar início a esta pesquisa.

Os primeiros aspectos que identifiquei, nas interlocutoras, foram de como elas tinham boas memórias dos seus cabelos tanto na infância como na fase adulta. Em nenhum momento

elas pareciam descontentes com os fios finos. Um fator bastante importante e relevante que também pude perceber é o fascínio pelo cabelo loiro natural.

Como fala Mada, numa das entrevistas, “ ele começou a escurecer, e eu queria ele mais loiro, não queria sair do loiro, então eu pintei-o todo de loiro” (MADA, 2023). A preocupação dela com os cabelos era perder a coloração loiro natural, que estava perdendo com a chegada da puberdade. O loiro é uma cor de cabelo muito desejada, ele passa a imagem de uma mulher meiga, doce e inocente, ele forma uma imagem de uma mulher terna, onde se espelha a pureza, lembrando que os anjos são representados através desta imagem de pureza, loiros, brancos com traços finos e delicados, anjos são semelhantes de Deus e enviados por Ele. Com isso, o ser humano que mais se aproxima da pureza é o ser branco, por ter a imagem fabricada positivamente. Como fala Micheli Perrot (2006):

O inventário abundante das representações picturais dos cabelos das mulheres reservaria muitas surpresas: a Virgem da Anunciação visitada em seu quarto usa longos cabelos de menina, na maior parte das vezes cobrindo os ombros. Como o anjo anunciador Gabriel, tão farto de cabelos quanto ela. Os anjos, aliás, sempre têm muito cabelo, a ponto de se utilizar, na decoração da árvore de Natal, guirlandas cintilantes chamadas de "cabelos de anjo". Sinal da ambigüidade sexual dos anjos e dos cabelos: os anjos não têm sexo, mas têm cabelos que talvez substituam o sexo. Por outro lado, as mulheres cruéis, Judíth ou Salomé, também têm muito cabelo. (PERROT,2006, p.59).

O clareamento do cabelo é algo muito comum, seja quimicamente ou naturalmente, como se pode ver na citação de Perrot. Na simbologia dos cabelos para os pintores, os anjos sempre são caracterizados com cabelos bonitos e loiros, formulando o ideal branco. A entrevistada queria continuar com loiro, conforme nos diz: “Às vezes faço algo para clarear ele, uso camomila, uso o chá de camomila pra ver se ele clareia mais” (MADA, 2023). Para ela o loiro é cor ideal para o seu cabelo, e isso a deixava satisfeita. Ela não se via com outra cor de cabelo: “Acho que eu não combinaria com outra cor de cabelo, por isso que eu não quero sair” (MADA, 2023).

Como cita Quintão (2013): “No Brasil, por muito tempo pareceu existir uma preferência da mídia por cabelos loiros e lisos, ainda que esse nunca tenha sido o fenótipo dominante de nossa população” (QUINTÃO, 2013, P. 23). Os traços caucasianos nunca foram dominantes no nosso país, ainda assim temos esse deslumbre pelo corpo do branco. E a alta nas famosas “luzes” no cabelo, uma tendência que até o momento não perdeu a força. Quando o clareamento natural não funciona, as “luzes” e a tintura são a segunda opção para manter o loiro tão desejado.

Nossa entrevistada Mada fala no decorrer da entrevista que já fez luzes no cabelo: “Já fiz luzes no cabelo, mas foi algo bem sutil, fiz com a minha madrinha, como cobaia” (MADA, 2023).

O cabelo é um produto manipulável, uma ferramenta corporal que modificamos quando queremos. No nosso corpo, ao decorrer da vida, o cabelo é a parte que mais mudamos e investimos, ele é sinônimo de beleza, sexualidade e feminilidade. Nas entrevistas, as mulheres falaram das mudanças que fizeram no seu cabelo ao longo da vida, como cortes, tinturas, entre outros, como falou Mada: “Então, já cortei repicado que acho que foi o corte mais diferente que eu já fiz, às vezes eu corto em U ou em V e agora ele está um leve Chanel” (MADA, 2023).

Quando falamos de feminilidade, o cabelo é algo simbólico neste requisito, por ser considerado o véu das mulheres. O cabelo longo passa a feminilidade das mulheres para o mundo, por esse motivo não era bem visto que os homens tivessem o cabelo grande, antigamente, pois os deixavam afeminados. O homem deveria passar masculinidade e virilidade, e o cabelo longo anulava isso. Ter cabelo longo é algo muito desejado, segundo Perrot (2006) “[...] ao passo que é glória para a mulher uma longa cabeleira, porque lhe foi dada como um véu [...]” (PERROT, 2006, p. 52). Assim, ter cabelos longos é algo bom, sendo lisos e principalmente loiros seria a exatidão da beleza feminina.

Referindo ainda Perrot (2006):

Comprimento, corte, cor dos cabelos são objeto de códigos e de modas. A cor dos cabelos seria um capítulo à parte. Os homens, segundo dizem, preferem as loiras. Isso é certo para a maioria dos pintores: a preferência é marcante pelas cabeleiras que iluminam suas telas (as de Veronese ou Tintoretto, por exemplo). (PERROT, 2006, p.59).

Tal como exposto acima, o simbolismo do cabelo loiro chega às telas de pintores. Eles preferem as loiras, porque transmite algo marcante, algo reluzente, que ilumina, cor do sol. Na nossa entrevista, Mada tem o loiro como cabelo ideal para si, como ela mesma disse “Assim, eu gostaria que ele fosse mais claro ainda, mas eu gosto do meu loiro, mas se desse uma clareada...” (MADA, 2023). O tom de loiro mais claro é muito desejado, quanto mais claro, ele é mais bonito, atraente e elegante.

Mada também defende que ter cabelos claros também tem uma parte positiva na questão do cabelo branco, pois não se vê tanto o contraste quanto no cabelo preto. Trazendo Mada: “Os fios claros disfarçam melhor o branco, não tem tanta alteração né, quando vai ficando branco o cabelo, não tem um contraste muito grande. Nas pessoas negras já se consegue ver com mais nitidez” (Mada, 2023). Assim fios claros disfarçam mais o cabelo branco, e isso para algumas pessoas é algo bom, já que muitos se incomodam com os fios brancos.

Não podemos deixar de citar a associação histórica da mulher loira ser burra ou desprovida de inteligência. A expressão “loira burra”, se referia às mulheres loiras, de beleza significava, mas que eram consideradas ignorantes e carecidas de inteligência e sensatez. A Discovery Brasil publicou no Facebook em 2014, como que a francesa Rosalie Duthe deu origem ao estereótipo “loira burra”: no século XVII, foi uma célebre cortesã que tinha casos com pessoas da nobreza e da alta sociedade da época, mas lhe faltava inteligência, seria ela a primeira “loira burra” da era moderna.

Aqui no Brasil o cantor Gabriel, O Pensador lançou a música Lôraburra em 1993, que reforçava este estereótipo, apesar de o cantor se retratar, dizendo que o significado que a música queria passar não era exatamente este. Ainda assim, causou polêmicas, por trazer na letra agressividade e palavras ofensivas contra as mulheres. Em 2019, foi convidado, pela O Boticário, em fazer uma nova versão da música, criar um novo remake dos anos 90, o próprio artista já não cantava a música por não se sentir confortável com a letra, por achar agressiva, e a retirou do seu repertório. Como ele cita numa entrevista, no programa Morning Show, assim foi feita uma nova versão que é “evolua” que traz o empoderamento feminino e faz parceria com a Jade Baraldo.

Assim pensamos como a beleza não pode estar junta com a inteligência. Escolheríamos entre ser bonitas ou inteligentes? Contudo, apesar do estigma das mulheres loiras, a superioridade branca se sobrepõe a esse estigma e essas mulheres ainda são o modelo de mulheres dentro da sociedade. Citando Malysse (2002): “Pois, uma vez que você resolveu mudar literalmente o seu cabelo, é difícil resistir ao apelo da “*Globlondization*” do mundo: as mulheres loiras são o ideal em todas as culturas ocidentais.” (MALYSSE, 2002, P.79). A mulher branca e loira ainda continua sendo a mulher ideal e padrão, principalmente dos países ocidentais, mas também é vista dessa forma nos países colonizados pelos brancos, assim como aqui no Brasil, que é forte este padrão.

O cabelo é o passaporte para as mulheres, como sempre diz a minha orientadora e professora da UNILAB Denise da Costa, pesquisadora de cabelos, “O cabelo é o passaporte para o mundo” mundo esse que dá protagonismo às pessoas de cabelo liso, de preferência loiras e de pele branca. Reflexão feita a partir do livro de Audre Lorde, “Sou sua Irmã”, onde ela refere a sua experiência no aeroporto de Beef Island, onde foi impedida de entrar na imigração, por conta do seu cabelo com Rasta, causando uma enorme indignação e reflexão sobre como os corpos negros são barrados e negados nos espaços onde brancos passariam sem problemas.

Como protagonistas, as mulheres brancas tem o respeito social e total segurança, dificilmente irão ser maltratadas ou ofendidas, e essa segurança no meio social se dá pelos

privilégios “imaculados” da branquitude. Ela protege os brancos, se preservando e se autocuidando, como fala Cida Bento (2022):

Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele (Bento, 2022, p.12).

Completamente diferente das pessoas negras, mesmo que tenha a negritude que ajuda na conscientização do orgulho da identidade negra, na valorização da cultura negra, ainda assim não se tem esse autocuidado e segurança com os donos desses corpos.

Não podemos deixar de citar as *paquitas*, um grupo formado pela apresentadora Xuxa, nos anos oitenta, onde teve grande repercussão e ajudou a alavancar a carreira da apresentadora. Xuxa sendo uma mulher branca loira de olhos azuis, suas *paquitas* não fugiram deste padrão, e com isso, começaram algumas polêmicas, já que no Brasil este padrão não é o dominante da população e as crianças negras que assistiam à “rainha dos baixinhos” não conseguiam se sentir contempladas nas famosas *paquitas*. No programa Altas Horas, houve uma homenagem de aniversário aos 60 anos de Xuxa e a Adriana Bombom relatou que o sonho dela era ser uma *paqueta*, mas sabia que estava longe da sua realidade, por ser uma criança negra e não ser loira. Xuxa falou que teve uma *paqueta* negra chamada Natasha Pierce nos Estados Unidos, mas que a empresária na época aqui no Brasil não queria *paquitas* negras.

Mada fala que não foi uma criança de assistir muitos desenhos por ter sido criada no interior e, assim ter mais coisas para brincar ao ar livre, mas citou um dos poucos desenhos que ela assistia que era *As três espiãs demais*, trazendo a entrevistada: “ Não me recordo muito, até quando conversamos sobre desenhos com amigos, eu sou super aérea, mas por exemplo eu tava lembrando *As três espiãs demais*, eu me identificava com aquela que era loira, não lembro muito o nome mais acho que era a Cloé, só esse mesmo que consigo pensar” (MADA,2023). Deste modo, vemos a identificação da nossa interlocutora com o desenho que mais parecia com ela esteticamente. Já sobre as crianças negras, tinham poucos desenhos, livros e bonecas que abrangessem elas, agora temos uma representatividade maior para as crianças e adolescentes negros.

O cabelo como “passaporte” para a sociedade, traz uma imagem de como somos vistos e aceites no meio social de acordo com seu tipo de cabelo. Até mesmo numa entrevista de emprego, o branco sempre está no alto escalão da sociedade, nos melhores empregos e posições, novamente trazendo Cida Bento (2022):

Assim vem sendo construída a história de instituições e da sociedade onde a presença e a contribuição negras se tornam invisibilizadas. As instituições públicas, privadas e

da sociedade civil definem, regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistema de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco. Essa transmissão atravessa gerações e altera pouco a hierarquia das relações de dominação ali incrustadas. Esse fenômeno tem um nome, branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios. É claro que elas competem entre si, mas é uma competição entre segmentos que se consideram “iguais” (BENTO,2022, P.11).

Quando falamos do pacto da branquitude, não estamos a dizer que é algo combinado, mas algo que acontece naturalmente e que protege os brancos no meio social, e os eleva dentro da sociedade e tudo o que foge desse padrão é prejudicado, assim, quando falamos sobre o cabelo, ele pode ser uma porta ou uma barreira.

2. PAZ NO ESPELHO: A TRANQUILIDADE EM SE TER A PRÓPRIA ESTÉTICA

O cabelo para estas mulheres é leve, não apenas no sentido de ser fino, mas também por ser leve a forma como elas vivem no meio social. O cabelo é algo simbólico para o ser humano, ele perpassa o campo da beleza e entra no campo político, nas ciências sociais e tem sua relevância na corporeidade e na influência que tem dentro dos grupos na sociedade.

O cabelo leve como citado acima, é uma expressão que vai muito além do fio de cabelo fino. Falamos “leve” na contestação. Ele se torna leve nos diversos campos da vida dessas mulheres, ele não pesa na cabeça ou na autoestima, também não pesa para elas na sociedade e na forma que elas se relacionam com ele. Elas não têm o cabelo oprimido e ele não as oprime, o sentimento de liberdade é mútuo. Referindo Alice Walker (1987):

Não meu amigo cabelo propriamente, pois logo percebi que ele era inocente. O problema era o modo pelo qual eu me relacionava com ele. Eu estava sempre pensando nele. Tanto que, se meu espírito fosse um balão, ansioso para voar e se confundir com o infinito, meu cabelo seria a pedra que o ancoraria à Terra. Compreendi que seria impossível continuar meu desenvolvimento espiritual, impossível o crescimento da minha alma, impossível poder olhar para o Universo e esquecer meu ego completamente nesse olhar (uma das alegrias mais puras!) se continuasse presa a pensamentos sobre meu cabelo. Compreendi de repente porque freiras e monges raspam as cabeças! (WALKER, 1987, online).

A citação acima é da Alice Walker, que a mencionou numa palestra em Spelman College Atlanta, nos Estados Unidos. Trazendo a questão do cabelo oprimido, como um teto para o cérebro, a escritora norte-americana, fala da relação com o seu cabelo, uma relação que não era positiva e sim opressora, a dificuldade que ela tinha de usar seu cabelo “natural”, deixá-lo livre, sem adereços, acessórios ou recursos estéticos. Vimos que as nossas entrevistadas têm uma relação completamente diferente, elas têm uma boa relação com os seus cabelos. Como falou Mada “eu nunca tive um episódio de ser excluída por conta do meu cabelo” (MADA, 2023).

Ainda assim se sentia pressionada a ter um liso perfeito, Mada relata na sua entrevista que já alisou os cabelos, a primeira vez com 14 anos, no início da puberdade, “com 14 anos fiz um alisamento definitivo, isso foi umas duas vezes, e depois fiquei fazendo só a inteligente mesmo, uma escova meio que para diminuir o volume, e agora faço Botox” (MADA, 2023). Ela fala que o volume do cabelo incomoda ela, que gosta dele liso e solto.

São nítidas as emoções positivas e felizes que estas mulheres falavam dos seus cabelos e, por meio da forma convicta que falavam dos seus fios, pude perceber também como a autoestima delas é alta. Vendo, por exemplo, estudos sobre as questões raciais, sobre transição

capitular e literatura negra, podemos ver como isto é diferente para a população negra. Este dado é importante para vermos como o seu cabelo influencia, em várias áreas da sua vida.

A branquitude traz um lugar de poder e de privilégios para os brancos, ter os fios finos é uma porta de entrada para a sociedade, com isso, ter fios mais grossos incomodam as pessoas ao seu redor e até você mesma, como fala a entrevistada Mada: “Acho que era muito pelo que as pessoas falavam sabe, ‘ah teu cabelo tá ficando muito alto, tá mudando muito... e aí isso acabava influenciando sabe” (MADA, 2023). É nítido o sentimento de desagrado das pessoas mais próximas sobre o cabelo da entrevistada quando estava ficando mais grosso, e acima citamos a perda da coloração loira. Essas questões fizeram com o que ela se preocupasse, pois estava perdendo o cabelo ideal, para o seu meio social.

Nitidamente, cada pessoa com quem tivemos contato para este trabalho tem uma relação pessoal com o seu cabelo. Os sentimentos a ele são atribuídos de diversas formas, o cabelo tem importância na representação da imagem para o ser humano. Sua representatividade integra muito com a autoestima, principalmente das mulheres e também na construção dos corpos no meio social. Como vimos no capítulo anterior, o cabelo loiro traz uma forte representação de beleza feminina, associada ao cabelo perfeito e isso se mostra como um padrão fortíssimo até aos dias atuais.

Como nos mostra Malysse (2002):

De todas as características físicas da aparência, a estética capilar é uma das poucas controláveis e modificáveis ao longo do tempo vivido. O cabelo pode ser visto como a parte mais visível do corpo; nas construções da aparência, os cuidados com o cabelo representam uma grande parte dos rituais de preparação de si. (MALYSSE, 2002, P.72)

A construção que o cabelo faz no indivíduo vai muito além da estética. Modificamos muito nosso cabelo ao longo da vida, por ser uma parte que sempre cresce no nosso corpo. Como as unhas, ele é extremamente maleável e suscetível a mudanças. Como citado acima, representa também rituais de mudança, tanto em culturas, como em rituais de iniciação, quando entramos numa nova fase da vida. As interlocutoras desta pesquisa tiveram a liberdade de falar dos seus cabelos, das experiências e das vivências que emergiam de forma positiva durante as entrevistas e conversas que não eram gravadas. Um dos pontos principais que pude perceber ao longo do desenvolvimento do projeto é a paz com a própria estética.

Quando falamos de corpos negros e sua estética, automaticamente podemos presenciar falas inversas àquelas que estávamos vendo nos relatos das vivências da entrevistada ao

decorrer dos capítulos. Enquanto as mulheres brancas passam a gostar e a amar seus cabelos a partir da infância, as mulheres negras passam a não gostar e até mesmo a odiar o seu cabelo, pelo racismo sofrido na escola e no dia a dia. Tudo o que foge do ideal do branco passa a ser feio ou diferente, isso faz com se negative, como fala Cida Bento (2022):

O diverso, o diferente, é definido a partir da comparação com o branco, que é considerado “a referência”, “o universal”. Tudo que se afasta dessa referência, ou “modelo”, pode ser considerado inapropriado e provoca exclusão e discriminação seja na educação, no trabalho ou em outras esferas da vida (BENTO, 2022, p.106).

Com isso, como o cabelo não se torna algo diferente, ele também é negativado se não seguir o padrão. Nossas entrevistadas não tiveram problemas em ter cabelos livres e de usarem eles como quiserem, principalmente soltos e na sua forma “natural”. As mulheres negras tem muitas dificuldades, em usar seus cabelos na forma “natural”. Isso foi algo que vinha percebendo há muito tempo nos corredores e dentro das salas de aula de na universidade, que tem muitos corpos negros. Eu vejo o uso do cabelo natural muito além da questão estética, mas também como uma forma de autoaceitação e valorização da nossa identidade, talvez neste nível essas mulheres finalmente estivessem em paz com a própria estética.

Na sociedade brasileira buscamos seguir um padrão de cabelos lisos e também longos. Ter cabelos longos é o sonho de muitas mulheres, pois transmitem feminilidade. O uso de cabelos curtos, por mais que não pareça, é algo bem recente, segundo Cruz (2015), para as mulheres moçambicanas, mas que pode ser estendido para muitas outras: “visto que a cabeça é o suporte para empreendimentos estéticos e para os cabelos, materiais para manipulação e desenvolvimento de formas, ter cabelos que crescem tornou-se numa dimensão importante para essas mulheres” (CRUZ, 2025, p.141). O cabelo além de ser um constructo social, ele também gera dinheiro, sua manipulação é fundamental para as profissionais deste ramo e para a cosmetologia.

Nossa interlocutora fala que *Frizz* a incomoda, e isso é uma das coisas que faz ela alisar os cabelos, para ajudar a domar os cabelos rebeldes. Trazendo Mada:

sim, o *Frizz* me incomoda, porque passa aquela questão de cabelo bagunçado, então é muito isso, sei lá a gente anda sendo forjada pela à sociedade, e eu não me lembro de onde veio esse conceito, de onde eu aprendi isso, então eu acho que é muito isso de sermos moldados pela sociedade” (MADA,2023).

Mada fala sobre o seu ponto de vista, de achar que a sociedade nos impõe isso e nós vamos aderindo, ter cabelos alinhados e com pouco volume passa uma imagem de mulher bem cuidada, limpa e organizada, assim como ao contrário disto, cabelos volumosos e sem ser alinhados, vem na mente uma pessoa desorganizada e assanhada. Trazendo Quintão (2013): “O que ouvi foi o mesmo discurso usado pela mídia e pela indústria: cabelo com *frizz* é cabelo com

fiões em pé, eletrizado, rebelde” (QUINTÃO, 2013, p. 40). Com isso, se busca disciplinar os cabelos, isso seja qual o tipo de cabelo for, tanto negras quanto brancas buscam isso, ainda de acordo com Quintão (2013): “[...] O que ambos os discursos para negras e brancas têm em comum é o da *disciplinarização do cabelo*, almejando uma imagem “natural”, porém “controlada” para ambas as etnias. [...]” (QUINTÃO, 2013, P.22).

Quando falamos da paz com a nossa estética, o cabelo é uma das primeiras coisas que vem na mente sobre o nosso corpo, ele é o mais fácil de mudar. O primeiro passo seria ajeitar o cabelo, no sentido que se for fazer cirurgias estéticas ou clareamento de pele são procedimentos que levam mais tempo. A negação da estética negra, leva a isso, uma busca incessante para ter paz quando se olhar no espelho. É como se chegar mais próximo dos traços dos corpos brancos para muitas mulheres se chegassem nesta “paz”. A questão é que enquanto os brancos aprendem a amar seu corpo desde o início da vida, para a população negra se dá o contrário.

Mada fala que acha que varia nessa questão da estética, por ter mulheres mais vaidosas que outras: “algumas mulheres sim, vão estar preocupadas com seu cabelo e corpo, principalmente as mais vaidosas, tem aquela questão de ter um padrão que a sociedade impõe, de tem de ser musculosa e ter o cabelo arrumado” (MADA, 2023). Mesmo ela achando que tem muito a ver com a vaidade de cada mulher, ela ainda acha que a sociedade passa esses padrões que acabamos seguindo ao decorrer da vida, padrões esses associados à branquitude.

Quando nossa entrevistada fala que não se lembra de algum momento da vida ter sido oprimida pelo seu tipo de cabelo, eu pedi para ela falar mais sobre essa questão, ainda com Mada:

“então, é muito isso sabe, eu nunca fui impedida de entrar em algum lugar, por conta do meu cabelo, nunca fui inferiorizada de alguma forma, no máximo foi comentários que sempre existem, de quando meu cabelo tava um pouco mais alto, mas em caso de ser impedida de entrar ou estar em algum ambiente social nunca aconteceu, e eu nunca tinha parado pra pensar, sabe, em fazer essa comparação e infelizmente acontece isso com mulheres negras que tem o cabelo crespo ou meninas que tem o cabelo cacheado, de fato eu nunca tinha tido um olhar assim, mas participar desta entrevista está me ajudando a ter novos horizontes” (MADA, 2023).

Ainda com Quintão (2013):

No caso do cabelo crespo, a verdadeira razão do estigma – o preconceito racial – é mascarada por outras razões que remetem à “disciplina” e à “beleza”, provavelmente por serem consideradas mais socialmente toleráveis. Nas situações cotidianas de interação entre estigmatizados – mulheres de cabelo crespo – e aqueles considerados “normais” – nesse caso, mulheres de cabelos lisos ou “naturalizados”, “disciplinados” pelo ritual – o indivíduo estigmatizado muitas vezes é ignorado pelo “normal”, o que faz com que se estabeleça a “consciência do ‘eu’ e a ‘consciência do outro’, expressa na patologia da interação – inquietação.” (GOFFMAN, 1988, p. 28). Para evitar o

estigma do cabelo “indisciplinado” – e outros estigmas associados à etnia negra – a mulher pode se submeter ao ritual de naturalização do cabelo para, como afirma Goffman, tentar mudar sua condição. A partir daí, a mulher estigmatizada passa a estabelecer um novo tipo de interação social com o restante da sociedade. Sua condição de negra é imutável, mas, através do cabelo “naturalizado”, a mulher consegue minorar seu estigma. (QUINTÃO, 2013, P.89).

Na citação acima, Quintão nos traz a questão do estigma trazendo Goffman para conversar sobre o assunto. Neste caso as mulheres negras podem passar pelo processo de naturalização que seria o alisamento ou relaxamento das mechas de cabelo. Feito este processo, essas mulheres terão uma nova relação social na sociedade, e assim diminuirão esses estigmas sobre seu corpo, lembrando que essa naturalização não fará com que esta mulher esteja cem por cento integrada, pois comparando as mulheres que já têm o cabelo geneticamente disciplinado, elas irão ficar sempre à margem, sendo cacheado ou “naturalizado” sempre serão vistos com inferioridade perante o cabelo liso.

Levando em consideração os aspectos abordados, podemos ver que o cabelo também influencia, na questão da paz com a própria estética, de se olhar no espelho e ver uma imagem que goste. Numa sociedade onde o corpo do branco é idealizado como o corpo “perfeito”, as pessoas que têm esses traços desde cedo, não têm problemas com seu corpo ou cabelo. Na contramão, os corpos negros se veem pressionados a seguir este padrão. Até mesmo essas mulheres brancas de cabelo liso sofrem, pois têm uma imagem para manter já que o *Frizz* e o cabelo mais grosso incomodam e devem ser domados.

3. ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM COM O CABELO MAIS BONITO QUE O MEU?

Na minha primeira ida ao campo, optei por começar indo ao salão que frequento desde 2021, conversei com a profissional e proprietária do estabelecimento e expliquei minha pesquisa da maneira mais simples possível. Marcámos para um sábado à tarde pois ela faria um alisamento. Cheguei alguns minutos antes, para conversar novamente sobre o funcionamento da pesquisa, e explicar sobre a documentação do termo de consentimento. A princípio, só queria observar sem me preocupar com as possíveis anotações, porque pela primeira vez eu estava entrando num salão, não como cliente, mas como uma pesquisadora.

Ficamos a conversar no intervalo do tempo em que a cliente não tinha chegado ainda, e eu comecei com algumas perguntas simples, queria saber qual o procedimento que ela mais fazia no salão, e ela falou que era alisamento e o segundo era o Botox. A filha dela, de 8 anos, que estava no ambiente conosco, comentou que queria alisar os cabelos e eu perguntei por quê? Ela disse que não gostava do cabelo dela e queria liso, porque é mais fácil de pentear. Ela tem os cabelos levemente ondulados, então me veio à mente a questão da praticidade, é uma coisa que eu gosto no cabelo liso, de ser mais fácil de cuidar, de acordar e não se preocupar em sair com cabelos assanhados. Então continuei a conversa e perguntei quais os comentários que ela mais ouvia das clientes que vinham fazer o procedimento de alisamento e ela falou que era para baixar o volume, controlar o *Frizz*, que é uma das coisas que ela falou que incomoda a maioria das clientes que atende, o famoso *Frizz*.

A maioria das clientes deste salão tinha cabelos crespos e ondulados, e pouquíssimas de cabelo liso “natural”, e estas faziam mais Botox para controlar o volume e o *Frizz*. O Botox é um tratamento no cabelo que ajuda a diminuir o volume e o *Frizz*, dá brilho e hidratação, melhorando assim o aspecto do cabelo. Com isso as lisas recorrem mais a ele do que ao alisamento com formol ou orgânica que são tratamentos mais fortes. Com isso, vemos a busca das mulheres brancas por um procedimento que ajude no volume indesejado ou cabelo mais grasso.

O poder simbólico – quase mágico – do cabelo “disciplinado” encontra sua força na vaidade das mulheres, através do discurso da beleza “natural” que cria associações de beleza ao cabelo “disciplinado” e, em oposição, associações de feiura e repulsa ao cabelo considerado “indisciplinado” ou “rebelde”. A ideia de ser percebida como “bela” por seus pares e o restante da sociedade é bastante tentadora e acaba por gerar, em muitas mulheres, o ímpeto de se “enquadrar”, aderindo ao ritual de naturalização do cabelo. (QUINTÃO,2013, P.77)

A busca pelo cabelo ideal, traz o cabelo disciplinado, como um discurso de beleza. Estamos atrás da beleza e de um cabelo que seja ideal para todos, com isso ele não pode ser rebelde ou indisciplinado, porque estes são aspectos negativos.

Quando a cliente chegou continuei acompanhando, observando e ouvindo a conversa entre a profissional e a cliente. Não falei nada, porque não estava ali como cliente, queria ouvir e ver como tudo ia acontecendo, sem pressão ou vergonha, e só depois de “quebrar o gelo” é que comentei que estava fazendo uma pesquisa sobre cabelo liso e mulheres brancas. A cliente se interessou pelo assunto e comentou que tem o vício do alisamento. Quando a raiz começa a sair, ela vem logo alisar. Faz um período de pausa de dois meses apenas. para cada alisamento, o que é muito pouco, levando em conta que seria melhor uma pausa de quatro a seis meses para cada alisamento. Porém, ela falou que não consegue deixar por muito tempo, pois o volume e principalmente o *Frizz*, a incomodam muito e isso foi o que a levou a alisar e também por ser mais prático de cuidar e não levar tanto tempo para arranjar o cabelo, comparando quando está com cabelo “natural” ondulado.

Então veio de novo a questão da praticidade: “procuramos coisas práticas para o cotidiano”, e porque é que o cabelo não seria uma delas? E foram esses os tipos de comentários que mais ouvimos das mulheres alisadas, que é mais prático de cuidar, não precisa definir todo o dia e por ajudar na manipulação do cabelo, com penteados ou tranças. Trazendo uma citação da obra de Ribeiro (2021):

Mas as contradições aparecem com o que é dito ser uma facilidade para manusear os cabelos depois do alisamento. Geralmente se perde os penteados conhecidos como afro, como a feitura das tranças e uma certa forma de manipulação estética no jeito de organizar os cabelos. Abin conta que sua avó “fazia tranças, mas fez o alisamento para facilitar. Depois de alisado deixou de fazer tranças, pois tinha o conceito de que liso era melhor” (RIBEIRO, 2021, P 463).

Podemos perceber que o cabelo liso é muito referenciado a cabelo fácil de cuidar e tratar, é considerado um cabelo fácil para manusear e isso é o que mais ouvimos das mulheres que alisam os seus cabelos. Elas buscam também a praticidade para os cabelos. A citação acima da obra de Ribeiro (2021), que fala da experiência de Abin, quando sua avó trançava os seus cabelos e que sempre alisava, porque facilitava na hora de fazer as tranças, lembrei uma colega minha de cabelo afro em 2021: antes de trançar, ela sempre pedia para eu passar a chapinha no cabelo dela. Eu perguntava o porquê de ela querer passar a chapinha já que iria trançar? Ela falou que facilitava para fazer as tranças. Isso ocorreu várias vezes, até ela mudar de Estado.

No Instagram atualmente, pude perceber a dominação do mercado para obter um cabelo liso, produtos infinitos para manter o cabelo liso e alinhado, a volta da touca para dormir, agora sendo uma touca de cetim por ser um material que danifica menos o cabelo. Eu mesma me sinto seduzida muitas vezes em ver vídeos sobre como ter o cabelo bem cuidado e alinhado e vemos que isso tanto influência no consumismo inconsciente de produtos que prometem dar o cabelo tão sonhado como ainda continua passando aquele modelo padrão de cabelo.

Usar seu cabelo natural no Brasil ainda está sendo moldado, principalmente para a população negra, por existir um padrão estético dominante. Com a indústria cosmética, podemos perceber que hoje os cabelos ondulados, cacheados e crespos têm mais produtos voltados para eles. Tudo isso é bem recente, mas não podemos deixar de citar que, assim como procuram o liso perfeito, agora procuram também o cacho perfeito.

No salão, a profissional sempre ajuda a cliente com os produtos que são mais adequados ao seu cabelo no momento. Observando a conversa entre as duas, começaram a falar sobre o produto de alisamento que tinha o alisamento com formol e sem formol e que o produto com formol estava mais barato e ganhando a preferência. A cliente, que estava ali presente, estava fazendo a progressiva orgânica que não contém formol, que é um valor mais caro, por ter na composição ingredientes mais naturais e suaves para alisar os fios. Ela comentou que, quando fazia o alisamento com formol, sentia que seus cabelos ficavam mais finos do que com o produto que utiliza agora.

Assim quando vamos manipular nosso cabelo, sempre estamos influenciados pelos produtos disponibilizados pelo mercado. Os cosméticos estão em alta, e eles sempre trazem essa questão de chegar ao tão desejado cabelo, seja ele liso ou crespo. Trazendo Passos (2019):

A analogia entre eles vem da ideia de que o cabelo precisa ser comportado, hidratado e seguindo um determinado padrão, seja ele, o padrão do cabelo liso ou o padrão estético dos cachos definidos. Entende-se que, as duas embalagens e o anúncio do anos 30, remetem a um conteúdo que busca trazer uma certa dependência desses produtos e que o cabelo só será digno de perfeição, se estiver caracterizado com os adjetivos que eles expõem: “cabeleira lisa, sedosa, bonita”, “elegante e moderna”, “infalivelmente lisos, mas também mais compridos”, “*black* suuuuper hidratado e mega definido”, “cabelos lisos e comportados”, logo, “sem grandes problemas” como a própria Lola posicionada no seu produto *Dream Cream* (PASSOS, 2019, P.40/41).

Nesta citação, a autora faz uma comparação de produtos de cabelos, mesmo depois de quase um século, de um para a outro, ainda assim se vê a cultura ideológica do embranquecimento, e que o cabelo só chegará ao ideal se estiver caracterizado com os produtos que eles fabricam. Como exposto no começo da pesquisa, o primeiro passo para o embranquecimento é alisando seus cabelos.

Durante minha pesquisa nos salões, descobri que existe apenas um salão em Redenção especializado em cabelos crespos, ondulados e cacheados, que é o Aflora Cachos. Foi o primeiro salão especializado em cachos do Maciço do Baturité. Nos outros salões é mais difícil as profissionais saberem manipular outros tipos de cabelo fora o liso. Com isso, para ter tratamento de salão, as donas destes cabelos precisam procurar uma profissional que saiba cuidar e usar os produtos necessários, para estes tipos de cabelos.

Se analisarmos produtos para cabelos, podemos ver que sempre iremos encontrar produtos para controlar o *Frizz*, desarmar e abaixar. Tudo que é associado a cabelos armados é passado como algo negativo e o *Frizz* também vem incomodando as cacheadas, crespas e onduladas, não apenas as lisas. Ainda com Passos (2019):

Já a Seda, desde o início da sua história, produz cosméticos para esse tipo de cabelo sendo acessível e fácil de encontrar. Entretanto, observando uma das propagandas antigas entende-se que a marca retrata que o cabelo com volume e *frizz* pode ser visto como algo ruim e negativo (PASSOS, 2029, p. 37).

Com isso, sempre estamos em busca de cabelos “disciplinados”, seja ele de qual tipo for. Conversando com as minhas amigas, que tem cabelos lisos, elas comentaram que quando estão com outras amigas, o cabelo é um assunto sempre citado, uma vez lembro de uma delas contar que iria fazer um alisamento. Olhei para o cabelo dela, liso passando da cintura, perguntei por que iria fazer aquilo já que a mesma já tinha cabelos lisos. Ela me respondeu que estava com muito *frizz* na parte da raiz, e aquilo incomodava ela, que tinha que usar secador sempre que lavava para ajudar alinhar os fios. Nossa entrevistada citou a mesma coisa: que procurou ajuda do Botox para ajudar com o volume indesejado.

Pude perceber a busca implacável que nós mulheres lisas “naturais” ou não, temos pelo cabelo liso perfeito, o que me questiono é se esse grau de perfeição existe, porque acima de tudo podemos perceber que nem mesmo as lisas “naturais” conseguem chegar neste patamar.

Pensando desta forma, creio que somos induzidas a buscar uma perfeição de cabelo que não existe, ou ainda não foi alcançada. Temos os cabelos lisos, mas não temos ainda, geneticamente ou alisado, a “perfeição” de cabelos lisos que a própria branquitude e a mídia social nos passa.

Assim como falo que não conseguimos chegar ao liso perfeito que nos passam, as cacheadas também estão com um problema parecido, mas nesta questão é o cacho perfeito e o volume perfeito. Analisando comentários nas redes sociais, como Instagram, Facebook e Twitter, muitas mulheres falavam que se libertaram do alisante e da chapinha, mas ficam reféns

do creme e de geleias modeladoras para tentar obter o cacho perfeito. Temos de tomar cuidado com esta invenção do cabelo perfeito sendo ele qual curvatura de cabelo for.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção que o cabelo faz no indivíduo no meio cultural e social é algo relevante a se pensar. O cabelo liso em mulheres brancas muitas vezes tem sido historicamente considerado como um ideal de beleza, em várias culturas ocidentais e nos países colonizados. Essa preferência pode ser rastreada em estereótipos de pureza, já que o cabelo liso é frequentemente associado a um aspecto "limpo" e "controlado".

O corpo da mulher branca é 'fabricado' com um olhar e interpretações de maneira positiva na sociedade, o cabelo e a cor da pele. Na pesquisa pude identificar que muitas mulheres não percebem que seu tipo de cabelo abre portas/oportunidade para elas na sociedade.

Uma das perguntas que foram feitas durante a entrevista foi: *Se elas se consideravam privilegiadas em ter o cabelo liso e como isso influenciava na sua vida cotidiana?* Elas responderam que não achavam que tinham algum privilégio por ter cabelos lisos e que não têm problemas com o cabelo no dia a dia e que tudo é muito normal desde sempre. Nesta situação é tão normal no cotidiano as mulheres brancas serem bem aceitas na sociedade e nos locais que frequentam, que elas não se dão conta de como o cabelo influencia isso. Tudo o que é conquistado fica como mérito e não pelos privilégios dos traços brancos que levam.

Para entendermos esta luta constante contra o racismo, precisamos olhar os dois lados da moeda: quando falo que vejo este trabalho como ferramenta de autoconhecimento, digo no sentido de entendermos os privilégios sociais que temos no nosso dia a dia. Precisamos entender e perceber o que acontece ao nosso redor. Não é processo fácil, mas é necessário para quebrar estes padrões estéticos e culturais que são reforçados pelo racismo e pela branquitude. Esse é o primeiro passo a ser dado: é sair da bolha e fazer os brancos pensarem mais sobre si, como seres humanos vistos como "universais" geralmente não pensam sobre eles mesmos, assim fortifica que o problema é sempre de fora.

A Antropologia que é considerada a ciência que estuda o ser humano e todas as suas dimensões, conhece e analisa as culturas, as mudanças e organizações sociais. Assim é relevante pensar o corpo e os cabelos como símbolos, que fazem culturas, e a Antropologia como ferramenta de ensino e aprendizagem.

Assim podemos ver os privilégios que a branquitude passa para os brancos, de como tem toda uma organização que eleva e protege o branco na sociedade. O cabelo liso e principalmente o loiro é um dos símbolos da branquitude. Ela nasce em contraste com a negritude, não existe branquitude sem a construção social da pessoa negra.

5. REFERÊNCIAS

- BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Seguindo as tramas da beleza em Maputo**. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília. Brasília, 2012.
- CARDOSO, L. (2010). **RETRATO DO BRANCO RACISTA E ANTI-RACISTA**. Reflexão E Ação, 18(1), 46-76. <https://doi.org/10.17058/rea.v18i1.1279>.
- DOS SANTOS, Renata Aparecida Felinto. **Rapunzel: a arte contemporânea como tratamento cosmético/estético a partir das performances de Juliana dos Santos e de Priscila Rezende**. Universidade Regional do Cariri, Centro de Artes — Ceará. Av. Castelo Branco, 1056 — Pirajá, Juazeiro do Norte — CE, 63030-200 Brasil, 2017.
- FIQUEIREDO, Ângela. **Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada: identidade, consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros**. XXVI Reunião da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em ciências sociais. Caxambu. Minas Gerais. 2002.
- GIAMPÁ, Sabrina. **Livros dos cachos aprenda a amar e cuidar como ele é: livros dos cachos aprenda a amar e cuidar como ele é**. São Paulo: Paralela, 2016. 1 p. (3).
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- GOMES, Larisse Louise Pontes. **"Posso tocar no seu cabelo?" Entre o "Liso" e o "Crespo": Transição capilar, uma (RE) construção identitária?** "posso tocar no seu cabelo?" entre o "liso" e o "crespo": transição capilar, uma (re) construção identitária? 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Cap. 1.
- MALYSSE, S. R. . "Extensões do feminino" : Megahair, baianidade e preconceito capilar. **Studium**, Campinas, SP, n. 11, p. 66–91, 2019. DOI: 10.20396/studium.v0i11.11739. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/11739>. Acesso em: 23 out. 2023.
- MALACHIAS, Rosângela. **Cabelo bom. Cabelo ruim**. Coleção Percepções da Diferença, v. 4, 2007.
- MIZRAHI, Mylene. **Cabelos ambíguos beleza, poder de compra e “raça” no Brasil urbano: cabelos ambíguos beleza, poder de compra e? raça? No brasil**. **Revista Brasileira de**

Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 30, n. 89, p. 31, 11 jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.17666/308931-45/2015>.

MOURA, Juliana Martins. **Raízes da Beleza Cabelo Como Símbolo da Representação Cultural na Sociedade de Consumo**. Brasília, maio de 2007.

PASSOS, Gabriela Pereira. **Abaixo a ditadura dos lisos: uma análise da marca Lola Cosmetics no processo de aceitação dos cabelos crespos e cacheados na sociedade brasileira**. 2019. 95 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PERROT, Michelle. **Escrevendo Histórias das Mulheres**. In: Minha História das Mulheres. Tradução de Ângela M.S. Côrrea. São Paulo.: Contexto 2007.

QUINTÃO, Adrianna M. P. **O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance indentitária**. 2013. 196 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2013.

Ribeiro, J. B. (2021). **Crespas e Cacheadas: O Cabelo como Condição Estético-Identitária de Afirmação Étnico-Racial e Libertação para as Mulheres Adultas e Crianças Negras**. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As(ABPN)*, 13(36), 449–473. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/918>

RANGEL, Larissa Sardinha. **Mas os meus cabelos... análise semiótica da publicidade destinada a cabelos lisos e crespos**. Anais do VIII SAPPIL – Estudos de Linguagem, UFF, no 1, 2017.

SALGADO, R.G.; FERRARINI, A.R.K. **Em busca do corpo perfeito: as crianças na cultura da beleza e da sedução**. Brasília v. 29 n.95, 2016.

SANTANA, Bianca. **Mulher, cabelo e mídia**. Revista Comunicare. Dossiê Feminino.

SANTOS, Layse Barros dos. **A ditadura dos cabelos lisos: um estudo sobre as consequências de ser ter um cabelo crespo.**: a ditadura dos cabelos lisos: um estudo sobre as consequências de ser ter um cabelo crespo. 2016. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Centro Universitário Ibsb, Centro Universitário Iesb, Ceiândia, 2016. Cap. 3.

SANTOS, Luane Bentos dos. **Usos e imagens sobre os cabelos crespos das mulheres negras**. Congresso Internacional em sócias e humanidades. Niterói, RJ: Aninter-SH/PPGSDUFF, 03 a 06 de setembro de 2012, ISSN 2316-266X.

WALKER. Alice. **O cabelo oprimido é um teto para o cérebro**. Palestra no Spelman College, Atlanta, EUA, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Quem é você?
2. Quais as memórias que você tem do seu cabelo na infância?
3. Você se lembra o que as pessoas diziam do seu cabelo?
4. O que é o seu cabelo para você?
5. Você pensa muito sobre seu cabelo?
6. Você tem noção do quanto gasta com seu cabelo?
7. O que você acha da cor do seu cabelo?
8. Como você aprendeu a cuidar do seu cabelo?
9. Qual a sua religião?
10. O que sua religião fala sobre cabelo?
11. Quais cortes você já usou?
12. Já pensou em doar seu cabelo?
13. Você faz penteados?
14. Já alisou seu cabelo?
15. Gostaria de ter outro tipo de cabelo?
16. O volume te incomoda?
17. Qual cor e tamanho de cabelo seria ideal para você?
18. Quais produtos você mais usa?
19. Usa chapinha e secador?
20. Se sente privilegiada em ter cabelos lisos?

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO LIVRE ESCLARECIDO - UNILAB

Título do Projeto de pesquisa:

Pesquisador Responsável:

Nome do participante:

Você está sendo convidado (a) para ser participante do Projeto de pesquisa intitulado _____ de responsabilidade do (a) pesquisador (a) *TALIA FERREIRA DA SILVA*.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra do pesquisador responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por propósito analisar o simbolismo do cabelo liso para as mulheres brancas, buscando pensar a construção da corporeidade branca feminina, e pensar os diálogos possíveis das relações raciais mais especificamente com as discussões sobre branquitude, este trabalho se justifica por ser uma investigação sobre o mundo dos cabelos.
2. A participação nesta pesquisa consistirá para a coleta de dados para complementar a pesquisa, com duração de três horas no local escolhido para campo.
3. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão quer minha reflexão sirva para que as conscientizes no lugar da branquitude e sejam tomadas cada vez mais no Brasil, e valorização dos tipos de cabelos.
4. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.
5. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pelos pesquisadores.
6. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, os voluntários poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

7. O nome dos participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.

8. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com TALIA FERREIRA DA SILVA, pesquisador (a) responsável pela pesquisa, telefone: (85)991578201, e-mail: taliaferreira359@gmail.com, e com o Comitê de Ética em Pesquisa da Uniara, localizado na Rua Voluntários da Pátria nº 1309 - bloco C, no Centro da cidade de Araraquara-SP, telefone: (16) 3301.7263, e-mail: comitedeetica@uniara.com.br, atendimento de segunda a sexta-feira das 08h00min. - 13h00min. - 14h00min - 17h00min, e/ou com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP, telefone (61) 3315.5877, e-mail: conep@saude.gov.br.

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em ser participante do Projeto de pesquisa acima descrito.

Cidade, Redenção, outubro de 2023.